

EDITORIAL

“Há muito que a sabedoria é a causa primeira de ser feliz. [...] Aos orgulhosos os duros golpes, com que pagam suas orgulhosas palavras, na velhice ensinam a ser sábios”

(*Antígona*, v. 1485 ss.)

Olhar para a Grécia antiga pode ser um exercício de rememoração com objetivos muito diferentes. O historiador, o esteta, o cientista político, o teólogo e até mesmo o ser humano mais comum sempre encontra nesse exercício uma fonte inesgotável de informações, imagens, modelos, idéias e fatos que, resistindo ao poder corrosivo do tempo, se apresentam aos nossos olhos com um frescor incansavelmente novo.

Para o filósofo, no entanto, olhar para a Grécia antiga não é um simples exercício de rememoração. Ao contrário, é o exercício extremamente exigente de buscar corresponder ao sentido que o termo adquiriu no vocabulário técnico da Filosofia moderna, pós-hegeliana, segundo o qual o exercício da *Erinnerung* comporta, ao mesmo tempo e inseparavelmente, um interesse “histórico” e “teórico”. Por isso, para o filósofo, voltar os olhos para a Grécia antiga é sempre, de algum modo, também um exercício de conversão, que remete ao ato do prisioneiro do fundo da caverna de “virar o pescoço” (*periágein tòn auchéna*) para olhar em direção à luz, por maior que sejam a dor e o deslumbramento que esse exercício provoque.

O olhar do filósofo para a Grécia antiga pode revelar, por exemplo, que obra de Platão lhe reserva uma vocação divina ou lhe atribui o lugar de um “princípio anárquico” na organização política ideal, por mais curiosa e contraditória que possa parecer essa expressão. No entanto, que mais poderia significar a exigência de governo de si contida na convivência do filósofo com que é ordenado e divino, que o leva a tornar-se “divino e ordenado quanto o permite a natureza humana”? (*Rep.* 500 d)

Voltar os olhos para a Grécia antiga pode significar a oportunidade singular de contemplar o momento sublime em que a *athesmistia* (a ilegalidade de uma decisão) é confrontada com a sagrada *tbémis* e com o profano *nómos*, assimilados na moderna *dike*, para denunciar e, finalmente, vencer o postulado jurídico

criado pelos Sofistas do Estado totalitário como senhor absoluto dos cidadãos. “Tu tardaste a enxergar o que é justo”, canta o coro da *Antígona* (v. 1411) a um Creonte enlouquecido pela sua própria *hamartía*.

Finalmente, mas não por fim, nosso olhar dirigido à Grécia antiga pode se voltar para as riquezas nunca suficientemente exploradas de uma metafísica do Uno – uma *benologia* – esboçada em filigrana na obra de Platão, conservada e transmitida pela tradição indireta do platonismo e realizada de maneira insuperável no ocaso da Antiguidade por Plotino, a quem o grande helenista Pierre Hadot dedicou um estudo com o sugestivo título “Plotino ou a simplicidade do olhar”.

Aí estão, caro leitor, algumas sugestões de enfoque para o seu olhar à Grécia antiga. O presente número de *Hypnos* o convida a juntar o seu ao nosso olhar à Grécia antiga, para continuarmos juntos essa fascinante aventura de tecer, na academia e para além dela, uma benéfica intriga de olhares e de riquezas, das quais a sabedoria é, certamente, a que os homens sensatos mais gostariam de partilhar. Afinal, “as coisas dos amigos são comuns” (*Fedra*, 279 c).

Marcelo Perine
Conselho Deliberativo